

Entrevista de José Medeiros Ferreira: a evolução de Portugal desde a sua adesão às Comunidades (Lisboa, 25 Outubro 2007)

Source: Interview de José Medeiros Ferreira / JOSÉ MEDEIROS FERREIRA, Miriam Mateus, prise de vue : François Fabert.- Lisbonne: CVCE [Prod.], 25.10.2007. CVCE, Sanem. - VIDEO (00:06:07, Couleur, Son original).

Copyright: Transcription Centre Virtuel de la Connaissance sur l'Europe (CVCE)
All rights of reproduction, of public communication, of adaptation, of distribution or of dissemination via Internet, internal network or any other means are strictly reserved in all countries.
Consult the legal notice and the terms and conditions of use regarding this site.

URL:

http://www.cvce.eu/obj/entrevista_de_jose_medeiros_ferreira_a_evolucao_de_portugal_desde_a_sua_adexao_as_comunidades_lisboa_25_outubro_2007-pt-567ofa1c-e0cc-47e8-bf10-5fe2fe63139e.html



Last updated: 04/07/2016

Entrevista de José Medeiros Ferreira: a evolução de Portugal desde a sua adesão às Comunidades (Lisboa, 25 Outubro 2007)

[Miriam Mateus] O senhor é hoje professor universitário e é também especialista em relações internacionais. Como é que entende ou como é que define a evolução de Portugal desde a sua adesão às Comunidades? Quais são, na sua opinião, as vantagens e os inconvenientes da adesão de Portugal?

[José Medeiros Ferreira] Bem, essa é uma pergunta vasta e a minha resposta vai ter que ser sintética. Mas eu acho que Portugal, volto a repetir, entrou bem na Comunidade Europeia. Portanto, o período inicial é um período muito positivo. O facto desse período ter sido tão positivo acabou por criar uma reflexologia do bom aluno, acabou por desarmar do ponto de vista crítico as elites portuguesas perante a construção europeia e isso pode ter alguns efeitos perversos, não é?

Eu diria que, a partir do pacto de estabilidade e a partir da dupla conversão do escudo, a taxa de câmbio de 1992 de que já lhe falei - não vou repetir - para entrar na serpente monetária, do sistema monetário europeu em 1992 e depois a taxa de conversão do escudo em euros, em 1998 ou 1999, sempre, sobrevalorizando o escudo, levou a que a competitividade das forças produtivas portuguesas e nomeadamente da sua indústria exportadora fosse penalizada. Também sei que poderemos estar a falar de um ajuste transitório, mas isso criou dificuldades reais, digamos, ao crescimento económico do País que se vê no facto de, nos últimos anos, Portugal não ter acompanhado o crescimento económico da média europeia, não é?

E tem-se falado de tantas coisas - e já se falou aqui da formação profissional - e os protagonistas pouco falam, por exemplo, desses dois factores de ordem monetária e financeira e que creio que merece estudo. Como merece estudo uma outra coisa que não se fez em Portugal, não sei se se faz nos outros países, mas em Portugal não há uma espécie de reflexão sobre as técnicas negociais dentro da União Europeia, quer dizer, como se negocia na União Europeia, quer ao nível da Comissão, quer ao nível dos Conselhos de ministros, quer ao nível do Parlamento Europeu. Mas no fundo aquilo que interessava, o que interessa mais talvez é a dialéctica iniciativa-legislativa da Comissão, aprovação em Conselho de ministros da Comunidade - é disso que estamos a falar. Quer dizer, não há uma reflexão sobre essas técnicas de negociação e portanto... Claro, os diplomatas com certeza que terão os seus conceitos e a sua prática, não é verdade? Mas eu diria que não há uma cultura de desenvolvimento, digamos, dessas técnicas.

Volto a repetir, tem a ver um pouco com esta ideia de que a União Europeia será sempre benéfica, em geral, para Portugal. O que eu também acho. Obviamente que, em linhas gerais, e isso é uma opção política, em linhas gerais, obviamente que é benéfica. Mas talvez fosse conveniente que as elites portuguesas tivessem uma visão mais crítica, mais racional da sua inserção na União Europeia e não tanto esta visão um bocadinho... os «contentes da União Europeia», no fundo, tomando um bocadinho o contra-pé do que fez a Polónia há pouco tempo, não é? Sem chegar aos extremos da Polónia, acho que está a faltar em Portugal um meio-termo crítico sobre o que se está a desenrolar bem e o que se está a desenrolar mal em termos da União Europeia.

E eu creio que um ponto fundamental tem a ver com as relações entre o Banco Central Europeu e a coordenação económica do Ecofin, pelo menos há qualquer coisa que merece reflexão. Portugal nunca propõe nada nesse domínio, não é? É isso que eu quero dizer. Portugal é incapaz de chegar a uma reunião desse género e dizer: «Não, está a fazer falta um maior entendimento entre o Ecofin e o Banco Central Europeu» ou «Porque é que o Banco Central Europeu faz moeda quando há uma crise de crédito internacional e os membros do Ecofin não têm nada a dizer sobre a matéria», não é? Portanto, são só exemplos para dizer que está a fazer falta uma posição mais activa, mais pró-activa, dentro da própria construção europeia por parte das elites portuguesas.

As elites espanholas aproveitaram muito bem a adesão, não é assim? E de certa maneira a entrada da Espanha... Portugal tem um presidente da Comissão Europeia, até se pode pensar que eu estou a esquecer isso, mas não. Mas a Espanha conseguiu cargos e lugares dentro dos mecanismos da União Europeia mais rapidamente, não é? Não estou a fazer aqui um despique, estou só a dizer que Portugal terá que mudar um pouco a sua atitude, uma atitude mais activa dentro da União Europeia.

[Míriam Mateus] Só para terminar, mais pessoalmente, como é que o senhor professor viveu este momento histórico, se assim podemos dizer, da adesão de Portugal às Comunidades Europeias?

[José Medeiros Ferreira] Bem, eu vou dizer-lhe uma coisa que tem a ver com a minha formação cidadã. Como eu era ministro dos Negócios Estrangeiros quando Portugal pediu a adesão, eu senti-me muito responsável pela forma como tinha decorrido ou como iria decorrer a entrada de Portugal na Comunidade Europeia. E foi a razão pela qual, digamos, eu optei por ser deputado europeu. Faço, portanto, os primeiros quatro anos da entrada de Portugal na Comunidade Europeia como deputado europeu, exactamente para poder acompanhar na medida e no órgão que me era acessível, com sentido de responsabilidade individual e político, as consequências da entrada de Portugal na Comunidade Europeia. Mas claro que vi como algo de muito positivo, não é assim? E estive nos Jerónimos, fui convidado para o efeito como ex-ministro dos Negócios Estrangeiros a estar no momento da assinatura do Tratado de Adesão e esse momento é um momento marcante na História de Portugal. Eu costumo dizer, e vou dizer isso para terminar, que a opção europeia de Portugal foi a grande opção estratégica do regime democrático português.